

PERSPECTIVAS DA FILOLOGIA TEXTUAL

Célia Marques Telles
Universidade Federal da Bahia
Albertina Ribeiro da Gama
Universidade Federal da Bahia

RESUMO: *A Filologia Textual na sua retomada de posição volta-se para aquilo que sempre foi o seu primeiro e último fim: o estudo da cultura de um povo. Nessa direção, as pesquisas do Grupo de Filologia Românica alia a edição crítica do texto ao estudo do autor e da sua obra. A partir do texto (escrito e oral) aprofunda-se no estudo das características da língua documentada nesses textos. Mostram-se, assim, diferentes momentos de uma pesquisa que faz interagir a crítica textual e a mudança lingüística, dentro do princípio de que “a língua é a história do povo que a fala”.*

PALAVRAS-CHAVE: *edição crítica; mudança lingüística; cultura*

ABSTRACT: *Textual Philology has retaken its position turning itself to its first and ultimate goal: to study the culture of a people. In this direction, the research developed by the Group of Romance Philology joins the critical edition of texts to the author and his work. From the text (written and oral) it studies profoundly the characteristics of the language found in these texts. Different stages of research are presented. This research provides the interaction of the critical edition and the linguistic changes, based on the principles which states “a language is the history of the people who speaks it”.*

KEY WORDS: *critical edition; linguistic change; culture*

INTRODUÇÃO

A filologia textual é cada vez mais, comprovadamente, um instrumento de grande importância para o estudo lingüístico. Nesse momento é o texto que nos leva aos dados da língua. Desde os primórdios dos estudos da linguagem até finais do século XIX, tem sido o texto o documento dos fatos de língua. Mas, como se tem acentuado recentemente, também para grande parte desses dados é necessário fazer o estabelecimento do texto (Blanche-Benveniste, 1998¹): estabelecimento de texto, manuscritos - antigos ou modernos - , de inquéritos gravados, de toda espécie de documento de língua. Desse modo, o método filológico apóia a análise lingüística, ao fornecer com critérios um texto fidedigno. Por outro lado, elementos lingüísticos do texto estabelecido permitem - e têm sempre permitido - estudar a língua aí documentada.

O que seria então esse texto? É preciso, então, ter em mente que a noção de texto, compreendida o mais amplamente como atividade comunicativa, não se limita exclusivamente ao *texto escrito*. O texto é urdido através de um sistema de signos denominado língua e o estudo da língua é objeto da Lingüística. Esse é o ponto de intersecção entre as duas vertentes da Filologia Textual. A relação grafemático-fonética, por exemplo, leva a duas considerações relativas ao comportamento metodológico: a necessidade de se fazerem lições conservadoras nas edições dos textos manuscritos, a possibilidade de que tais lições permitem fazer-se uma descrição fonológica a partir da

scripta dos textos. Nessa direção, Roger Lass (1997:45) relembra as mais importantes informações fornecidas pela *scripta* de um texto: a natureza do sistema de escrita e as suas possibilidades de representação, o aspecto fonético e outras espécies de evidência do sentido dos grafos nos textos antigos, a implicação histórica do conservatismo dos sistemas de escrita face às mudanças, o uso das evidências métrica e rímica, o testemunho dos foneticistas e gramáticos pré-modernos, os problemas suscitados pela divisão de palavras e outras convenções, o uso de algumas fontes como glossários e transcrições interlineares.

Esses elementos da *scripta* são os indícios que não podem ser esquecidos pelo filólogo, porque são eles que permitem o uso do texto para compreensão do momento cultural representado pelo texto (e pelo seu autor). Vale destacar, entretanto, que o mais importante é que se usem textos fidedignos, não nos esquecendo de que enquanto não dispomos de um texto fidedigno, todas as operações hermenêuticas e críticas podem tornar-se arbitrárias, intempestivas e inseguras (Tavani, 1988:53).

Os critérios de transcrição e de reprodução adotados devem levar em conta a especificidade dos manuscritos estudados, bem como a necessidade de se tornar esta transcrição o mais rigorosa e inequívoca possível, respeitando o movimento da escrita, suas hesitações, seus equívocos e as marcas dos incidentes caligráficos (Reis, Milheiro, 1989: 201). Por outro lado, no campo das transcrições de inquéritos lingüísticos gravados recomenda-se o estabelecimento do texto através da chamada transcrição grafemática, buscando reproduzir fielmente a variante lingüística registrada. Como lembra L. A. Marcuschi (2001:47), a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem, mas a passagem de uma ordem para outra ordem. Assim, em qualquer hipótese, não devemos interferir na transcrição do texto².

O Grupo de Filologia Românica da Universidade Federal da Bahia, dando continuidade às pesquisas que vem desenvolvendo nesses últimos anos tem trabalhado na intersecção dessas duas vertentes. É assim que vem conciliando a interface de duas linhas de pesquisa, *Mudanças lingüísticas na România* e *Crítica Textual*. Na primeira privilegia para texto-fonte edições críticas, na segunda prepara edições de textos na perspectiva de lições conservadoras que possibilitem a melhor utilização do texto em estudos subseqüentes.

À GUIZA DE ILUSTRAÇÃO

A análise que Albertina Ribeiro da Gama vem fazendo nos *Libros de Açedrex, dados e tablas*, de Alfonso X, tem como texto-fonte, a excelente edição de Emil Steiger (1941), e uma edição fac-similar do manuscrito (Alfonso X, 1913)³. Em *Libros de los juegos de Alfonso X* (Gama, 1999:17-18), ressalta o fato cultural de que o jogo de xadrez é o mais nobre dos jogos, requerendo mais inteligência por parte dos jogadores, lembrando que a obra sobre tais jogos, traduzida do árabe, é a mais importante que a Idade Média nos legou. Faz uma descrição codicológica do manuscrito, acentuando ser o mesmo em letra gótica, parecendo pertencer a uma só mão. A transcrição da col. 1 do f^o. 60r^o. é de caráter eminentemente conservador (no caso, transcrição paleográfica):

*Este es outro juego departido em q(ue)
há diez trebeios que han a seer en
tablados assi como estan en la fi
gura dell entablamiento. (et) han se*

de iogar desta guisa.

Em continuação a esse estudo codicológico, no artigo *Considerações sobre as miniaturas dos “Libros de Açedrex, dados e tablas” de Alfonso X* (Gama, 2001) assinala o fato de que a visão do manuscrito como produto artesanal e como entidade cultural leva a que se tome em consideração aspectos que antes não se estudavam ou não se desenvolviam plenamente por considerá-los simples notícia de mera erudição. A esse propósito adverte que a extensão dos conhecimentos codicológicos oferece ao filólogo uma orientação de valor indiscutível, não só a propósito da data e da localização do objeto de estudo – aspectos que em uma análise detalhada resultam em dados concluintes a que se pode chegar – como também sobre a história e transmissão do texto e a preleção existente entre cópias ou outras questões nucleares no labor filológico (Gama, 2001:386). Conclui, ressaltando a importância da iconografia alfonsina (no caso o estudo das miniaturas) para o estudo dos costumes ducentistas, com informações sobre as espécies de lazer, sobre o jogo com tabuleiro, com riqueza de detalhes relativos à arquitetura, ao mobiliário, ao comportamento social, às indumentárias, às armas e aos instrumentos musicais de entretenimento (Gama, 2001: 389).

Ainda no campo dos estudos medievais, é o fato de a edição do *Manuscrito Valentim Fernandes*,⁴ de António Baião (1940), ser uma edição diplomática, de caráter essencialmente conservador, que permitiu fosse feita uma análise sobre algumas das características fonéticas do português quatrocentista (Telles, 1999). São mantidas, por exemplo, as grafias dos encotros vocálicos (hiatos) orais e nasais, ao lado de formas com a redução do hiato:

E SantAndre tem hu Da rya moor q todas E nabra de Santandre esta huu lugar e tem hu rya... (VF, p. 210, L. 13-14)

Sabe q este cabo tee barreyras vermelhas. (VF, p. 216, L. 3)

E por cima desta lombada esta huã lombada chãa. (VF, p. 226, L. 36-7)

Sabe q a Lagea tem estes synae[s] hu Da Lagea cham no mar e de frôte della na terra firme esta huu morro de pedras e aly he o ryo da Lagea. (VF, p. 221, L. 32-3)

Ao lado dessas considerações podem ser ainda vistos fatos morfossintáticos e lexicais. Conclui-se assinalando que as características da *scripta* do documento corroboram a afirmativa de que se trata do mais antigo roteiro português de navegação de que se tem notícia. Nele aparecem tanto formas gráficas eminentemente quatrocentistas quanto formas lexicais que entram em desuso no século XVI – quando os roteiros deixam de ser *roteiros da costa* e passam a ser *roteiros oceânicos* – como é o caso das lexias *emarrar*, *encostar-se* e *terrar*.

Podemos exemplificar, ainda, com o estudo grafemático-fonético, que possibilita esclarecer características fonéticas da língua em uso. O texto em letra gótica cursiva do manuscrito do conhecido *Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*, escrito a sete mãos, mostra na *scripta* do primeiro copista (a que mais interveio no códice) características marcantes que não aparecem nas cinco outras *scriptae* em letra gótica-cursiva (Telles, 2001a). Em resumo, na perspectiva do que interessa no momento duas observações são fundamentais: as *scriptae* não marcam a africada palatal surda, mas todos os textos em gótica-cursiva trazem a marca da africada álveo-dental surda <ç>.

Outra ilustração ainda nos é dada pela análise de textos não literários quinhentistas, em espanhol e em português do *Libro Vniversal De Derrotas, alturas, Longetudes, e Conheçenças, De todas as nauegaçois, Destes, Reinos, De Portugal, e castela. Indias Orientais e occidentais* de Gaspar Manoel⁵, tendo-se em conta que a grafia do texto tem valor expressivo, novamente, tanto no que tange às consoantes africadas, como no que concerne às vogais nasais. As relações grafemático-fonéticas nem sempre são de

equivalência unívoca, notando-se, entretanto, algumas diferenças ao serem comparadas as *scriptae* cronologicamente diferenciadas dos roteiros. Na série de roteiros portugueses, o exame grafemático-fonético dos *Roteiros da Carreira da Índia de Vicente Rodrigues* (Telles, 1995, 1996, 2001b, 2002) mostra também o caráter essencialmente fonético da grafia dos textos. As relações grafemático-fonéticas são na sua maioria de equivalência unívoca notando-se, entretanto, algumas particularidades.

Uma ilustração pode ser trazida, agora em texto moderno. A análise dos três testemunhos manuscritos do poema *Sub umbra* de Arthur de Salles (070:0391, 072: 0432, 076:0452) mostra a vacilação da grafia do autor, nos dois primeiros, datados da década de 20, claramente pseudo-etimologizante, no terceiro, datado de 1947, uma grafia modernizada, ainda que sejam mantidos alguns traços do período ortográfico anterior (Gama, Telles, 1993:54). Maria Dolores Teles, em sua tese de doutoramento, desenvolve estudo sobre o uso da pontuação na construção do texto de Arthur de Salles, utilizando-se exclusivamente da transcrição conservadora dos manuscritos que utiliza⁶. Rosa Borges dos Santos Carvalho, em sua tese de doutoramento, mostrou a gramática estilística de Arthur de Salles, analisando os manuscritos dos *Poemas do mar* (Carvalho, 2001).

Outra observação interessante, ligada à edição crítica da obra do poeta baiano Arthur de Salles, é relativa à datação de algumas das suas cartas ao poeta Durval de Moraes. Os documentos 249 e 250 não trazem data, mas o estudo dos movimentos genéticos no poema *A mercê das cismas*, na tese de Rosa Carvalho (2001), possibilitou a datação dessas duas cartas de Arthur de Salles a Durval de Moraes. Os três documentos relativos à gênese do poema, o testemunho 0429 (s.d.), e aqueles de notação 062:0249 e 062:0250, podem ser colocados cronologicamente nessa ordem: 071:0429 (anterior a 30.11.1911), 062:0250 (s.d., mas, agora, pelas relações estabelecidas entre eles, anterior ao 062:0249, provavelmente simultâneo ao 071:0429). Isto tudo, porque, as emendas marcadas com *x* no testemunho 0429 são da mão de Durval de Moraes (letra arredondada e bem pousada, como se observa nos v. 29 *exsurge*, 35 *essa*, 66 *que*, 70 *do negro*, 84 *por*, 89 *E*: as formas *exsurge*, *essa* e *E*, mostram claramente tratar-se de letra de Durval de Moraes! Note que Arthur de Salles, no doc. 062:0249 transcreve “os exigidos concertos”:

Eil-os os exigidos concertos.

Na hora magna da Vida essa hora da Tristeza.

{A mão que abafa o grito ao que blasphema e o aquece

{Se do negro Destino etc.

{E quantos, por esta hora, a vaga tenebrosa

{E o tragico esplendor...-- (062:0249, f.º 1r.º, L 14-19)

Nesse caso, Arthur de Salles aceita, mais uma vez, a sugestão do amigo, alterando o seu texto (testemunho 0429).

No que tange à rima, na edição crítica de textos modernos, como no caso da obra de Arthur de Salles, dois exemplos podem ser destacados, a partir da manutenção da grafia pseudo-etimologizante (ou não) nas rimas: são os casos da leitura conservadora do grupo <ct> na rima de *aspecto* com *tecto* na oitava estrofe do proêmio do poema *Sangue-mau*:

Daquele esconso, de torvo aspecto,

A poucos passos do lamarão,

Tombam pedaços puidos do tecto,

Ruem paredes de bofetão. (Salles, 1981:109)

Por outro lado, a lição conservadora que mantém a grafia do ditongo <ou> em formas como *noute*, *dous* etc. deve ser evitada em função da rima, como é o caso na décima primeira estrofe do poema *O Sino da Casa da Câmara*:

Velho sino redivivo!
Vibras, cem anos depois,
Como outrora, decisivo,
Em Junho de vinte e dois... (Gama, Veiga, 1993, 76)

À GUISA DE CONCLUSÃO

Acreditamos ter podido mostrar a interação entre mudança lingüística e crítica textual, na perspectiva do que se vem desenvolvendo na Universidade Federal da Bahia no campo da Filologia Textual, voltada para os estudos românicos. Essa perspectiva tem marcado nos últimos quarenta anos a pesquisa do Grupo de Filologia Românica, liderado pelo Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSO X, DER WEISE. 1913. *Das spanische Schachzabelbuch von Jahre 1283: illustrierte Handschrifte im Besitz der Koeniglich Bibliothek des Escorial*. Leipzig. v.2
- BAIÃO, António (ed.). 1940. *O Manuscrito "Valentim Fernandes": oferecido à Academia por Joaquim Bensaúde*. Lisboa: Academia Portuguesa de História. p. 209-40. Leitura e revisão das provas por António Baião.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. 1998. Establecimiento del texto. In: BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: GEDISA. Reunidos em livro por Ana Teberosky.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. 2001. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/PPGLL. 2v. Tese orient. Por Nilton Vasco da Gama.
- GAMA, Albertina Ribeiro da. 2001. Considerações sobre as miniaturas dos "Libros de Açedrex, dados e tablas" de Alfonso X. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS; 3: atas. Rio de Janeiro: Editora da Ilha. p. 385-90.
- GAMA, Albertina Ribeiro da. 1999. Libro de los juegos de Alfonso X. *Estudios Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 23-24, p. 15-20, jan.-dez.
- GAMA, Albertina Ribeiro da, TELLES, Célia Marques. 1993. Critérios para a edição crítica da *Obra dispersa* de Arthur de Salles. In: ENCONTRO DE ECDÓTICA E CRÍTICA GENÉTICA; anais. 1993. João Pessoa: UFPB/APML/FECPB/FCJA. p.354-8.
- GAMA, Nilton Vasco da, VEIGA, Cláudio (1993). *Arthur de Salles e o "Dous de Julho"*. Salvador: ALB / UFBA / CEC. Ed. preparada por Nilton Vasco da Gama et al.
- LASS, Roger. 1997. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: CUP.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2001. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- REIS, Carlos, MILHEIRO, Maria do Rosário. 1989. *A Construção da narrativa queirosiana: o espólio de Eça de Queirós*. Lisboa: IN/CM.

SALLES, Arthur de (1981). *Sangue-mau*. Cidade do Salvador: UFBA. Ed. crítica sob a dir. de Nilton Vasco da Gama.

STEIGER, A. (ed.). 1941. *Libros de açedrex, dados e tablas*. Berna.

TAVANI, Giuseppe. 1988. Los Textos del siglo XX. In: LITTÉRATURE LATINO-AMÉRICAINNE ET DES CARAÏBES DU XX^e SIÈCLE: THÉORIE ET PRATIQUE DE L'ÉDITION CRITIQUE. Roma: Bulzoni. p. 53-63.

TELLES, Célia Marques. 2002. Grafia de textos e fonologia do português nos séculos XV e XVI. ENCONTRO INTERNACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, Porto Alegre, abril 2002. 6f.

TELLES, Célia Marques. 2001a. *Características grafemático-fonéticas de um manuscrito em letra gótica cursiva*. ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 4: atas. Belo Horizonte, PUCMG/ABREM. No prelo.

TELLES, Célia Marques. 2001b. Grafia e fonética em textos românicos quinhentistas. CONGRESO INTERNACIONAL DE FILOLOGÍA E LINGÜÍSTICA ROMÁNICA; 23; atas. Salamanca: SLR/USal. 15f. [no prelo].

TELLES, Célia Marques. 1999. Um “Livro de rotear” quatrocentista. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 23-24, p. 33-42, jan.-dez.

TELLES, Célia Marques. 1996. A Evolução da estrutura dos roteiros de navegação. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis*; Facultas Philosophica Philologica 69, Romanica Olomucensia VI, Olomouc, p. 51-2.

TELLES, Célia Marques. 1995. A Edição de um manuscrito bilingüe espanhol/português. In: IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES; GÊNESE E MEMÓRIA. São Paulo: Annablume/APML. p. 264-5;

NOTAS

¹ Reprodução do artigo “Aspectos preliminares a una reflexión sobre la interpretación” (publicado na revista *Substratum: Temas Fundamentales en Psicología y Educación*, Barcelona, v.2, n. 4, 1994).

² Por sua vez, é bom sempre lembrar que as normas da ABNT (NBR 10520) recomendam a “transcrição textual dos conceitos do autor citado”, no caso das chamadas citações diretas.

³ O exemplar fac-similado pertence ao acervo da biblioteca particular do Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama. O exemplar utilizado não possui a folha de rosto. Trata-se do códice *j. T. 6* da Biblioteca do Escorial, datado de 1283. Consta de 97 fôlios e acha-se escrito no dialeto de Castela.

⁴ Manuscrito em letra gótica cursiva, depositado na Biblioteca do Estado, em Munique, de notação *Cod. Hisp. 27*.

⁵ O manuscrito *1507 da BNL – Libro Universal de derrotas, alturas, longetudes e conhecenças...*, compilado por Manoel Gaspar, códice 1507 da Biblioteca Nacional de Lisboa, datado de 1594 - é um códice quinhentista, com 110 fôlios (textos em espanhol, português e latim) e mostra dois tipos de escrita: a letra humanística cursiva e a letra cursiva de início do século XVIII. Possui, na sua parte principal, dez roteiros e três instruções náuticas.

⁶ O estudo abarca a construção do poema *Sub umbra* e dos textos em prosa *O Dote de Mathilde* (conto em fase terminal), *A Planta amarga* (conto em processo de construção) e *O ultimo bôbo* (conto em processo de construção).